

O pensamento intelectual de Manoel Bomfim, em *A América Latina: males de origem*

Davi Siqueira Santos*
Luiz Roberto Velloso Cairo**

Resumo

O presente artigo busca rastrear alguns aspectos significativos que permitem reconhecer nas idéias de Manoel Bomfim a presença de um pensamento intelectual radical marcado por uma sensibilidade social primorosa capaz de, em meio a tantas personalidades sábias no despontar do século XX, destacar-se por conseguir, através de sua voz textual em *A América Latina: males de origem* (1905) representar os conflitos e revoltas de um grande número de pessoas. Procuraremos ainda relacionar alguns temas trabalhados por Bomfim com o conceito de engajamento intelectual presente nos textos de Jean-Paul Sartre e Edward W. Said, bem como pensar na definição de pensamento radical proposta por Antonio Candido no que diz respeito às asserções bomfinianas.

Palavras-chave

Manoel Bomfim; América Latina; intelectualidade; parasitismo; conservadorismo.

Abstract

This article aims at tracking a few significant aspects allowing us to see in Manoel Bomfim's ideas the presence of radical intellectual thoughts marked by a deep social sensibility capable of, amidst so many knowledgeable names at the dawn of the 20th century, standing out for being able to, through his textual voice in *A América Latina: males de origem* (Latin America: original evils – free translation, 1905), represent the conflicts and resentments of a large number of people. We will also seek to relate some of the topics addressed by Bomfim to the notion of intellectual engagement found in texts by Jean-Paul Sartre and Edward W. Said, as well as to discuss the definition of radical thought proposed by Antonio Candido with respect to Bomfim's assertions.

Key words

Manoel Bomfim; Latin America; intellectuality; parasitism; conservatism.

* Aluno de Mestrado do Curso de Pós-Graduação em Literatura da Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Campus de Assis. Bolsista do CNPq.

** Professor Assistente Doutor de Literatura Brasileira do Curso de Pós-Graduação da Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Campus de Assis.

O autor e seu papel intelectual

DURANTE O ANO DE 1903, o pensador social brasileiro Manoel Bomfim (1868-1932) encontrava-se em Paris estudando psicologia, quando, estimulado por tudo o que lia e ouvia a respeito de seu país, bem como da região continental de que esse faz parte, lançou-se mais sistematicamente ao trabalho de escritura de um livro que viesse analisar, de forma problematizadora, os destinos e horizontes das novas nacionalidades latino-americanas. No entanto, para essa investigação, o autor desejava levar em conta o passado histórico por meio do qual se revelavam as origens de um processo transformativo que não terminaria naquele despontar de novo século (século XX), mas prosseguiria seu caminho futuro tomando direções que poderiam agravar ou atenuar as diferenças estabelecidas entre nações tidas como adiantadas e nações – agora em linguagem *bomfiniana* – tidas como “espoliadas”.

Fica patente que sua experiência em terras européias serviu de estímulo para a elaboração de uma obra esclarecedora quanto às causas do atraso, facilmente constatável por toda a *intelligentsia* nacional e estrangeira quando o assunto eram as organizações sociais e culturais latino-americanas, cujas raízes se encontravam tão profundas que a muitos e diferentes fatores diziam respeito, levando a um complexo jogo de relações. Bomfim encabeça essa lista de fatores com a sistemática exploração exercida em terras americanas, ao longo de séculos, por povos europeus de Espanha e Portugal, que, para ele, representava um ponto nevrálgico, tornando-se, assim, através do emprego da metáfora-conceito “parasitismo social”, a linha de sustentação argumentativa que permeia toda sua obra *A América Latina: males de origem* (1905).

Este termo metafórico o autor tomou de empréstimo da botânica e da zoologia, disciplinas que estudou devido à sua formação médica.

Baseou-se nos estudos de Jean Massart e Émile Vandervelde, que formularam em *Parasitisme biologique et parasitisme social* (1898), uma teoria do parasitismo, aplicada tanto às relações biológicas entre seres vivos quanto aos vínculos sociais e econômicos entre os indivíduos e grupos. Adaptou, em *A América Latina*, as relações parasitárias das ordens vegetal e animal para o terreno social, mais especificamente para a colonização dos espanhóis e portugueses na América. (VENTURA, 2001, p.243)

O parasita seria alguém (ou algo) que não trabalha (produz) e passa a viver do esforço alheio, tornando-se, assim, alguém (algo) egoísta e ocioso devido às conseqüências de sua situação. Este processo, segundo os estudos botânicos, chegaria a tal ponto na relação entre os seres do meio natural, que o parasita, partindo do princípio de que a “função faz o órgão”, atrofiaria alguns de seus membros por se tornarem inúteis, tendo em vista as atividades exercidas pelo parasitado.

Transpondo este conceito para as organizações sociais, a escravidão teria se instaurado de forma tão perfeita no regime de exploração adotado pelos colonizadores ibéricos, que o escravo (corpo parasitado) passaria a desempenhar todas as funções possíveis e imagináveis trazendo, como conseqüência, certa “degeneração social” em países sedentários como Espanha e Portugal que, ao invés de se desenvolverem e se estabelecerem como potências européias, involuíram.

Este fato confirmaria a tese de que, em uma relação parasitária, tanto o explorador quanto o explorado se modificam, ou ainda, se degeneram, dada à situação conflituosa em que vivem. Como observa Bomfim, nas relações parasitárias entre as metrópoles ibéricas e a América, o parasitado exercia todas as funções, e em tempo integral: “Havia escravos carpinteiros, ferreiros, pedreiros, alfaiates, sapateiros... escravos tecendo, fiando, plantando; era escravo quem construía o carro de bois, o monjolo, o moinho, a canga, o selote, a cangalha, a peneira e o pilão mineiro... O senhor embolsava; gastava consigo, apenas.” (BOMFIM, 2005, p.148).

Para o autor, o conceito social de parasitismo seria capaz de dar conta do surgimento e desaparecimento dos povos ao longo da história, na medida em que o seu exercício produziria a exploração predatória e o gosto pela vida inconseqüente, que levaria ao esgotamento dos recursos e à decadência das sociedades. A eterna luta entre parasita e parasitado seria, portanto, o principal motor para as transformações históricas.

Diante destes pensamentos envolvendo questões fundamentais de ordem social, e ainda de formação cultural e histórica, Manoel Bomfim tomou a si, de maneira plena, o ofício de intelectual, indo a público expor idéias que julgava estarem ocultas pela névoa produzida por conceitos e ideologias específicas a uma elite social, cujo privilégio era garantido, justamente, através da elaboração de análises científicas que na maioria das vezes apregoavam verdades absolutas que, analisadas posteriormente, revelaram-se inconsistentes e até mesmo extremamente preconceituosas.

Segundo Jean Paul-Sartre, o intelectual, sendo produto de sociedades despedaçadas, é também sua testemunha, pois internalizou este despedaçamento. Tornou-se, assim, “agente do saber prático” cuja primeira das características definidoras de seu perfil se encontra no fato de não apresentar mandato de ninguém, muito menos de qualquer espécie de autoridade, que justifique suas atuações.

Na opinião de Edward W. Said, a questão fundamental deste “ator social”, reconhecido por suas atividades mentais, concentra-se no fato de ser um alguém dotado da “faculdade para *representar*, corporizar, articular uma mensagem, um ponto de vista, uma atitude, filosofia ou opinião para, bem como por, um público” (SAID, 2000, p.28). Ofício que despende muito esforço de sabedoria e um olhar dinâmico capaz de, em uma simples mirada, obter diferentes ângulos de imagens sobre um mesmo objeto. Tudo isso para que este “especialista do saber” não produza abordagens nem faça comentários levianos ou inconseqüentes.

Ao publicar em 1905 sua primeira obra de investigação histórico-social, Manoel Bomfim provocou em alguns de seus receptores críticos um significativo mal-estar. Antonio Candido, em ensaio intitulado *Radicalismos*, no qual tem como intuito mostrar a ocorrência de idéias radicais no Brasil, percebendo este estranhamento habitual frente ao texto de Bomfim, irá considerá-lo um representante do pensamento plenamente radical, principalmente pelo fato de manifestar pontos de vistas que eram politicamente incômodos para as ideologias nacionais dominantes: “Manoel Bomfim foi um radical permanente, que analisou com dureza, além do regime de trabalho, as bases da sociedade brasileira e latino-americana” (CANDIDO, 1995, p.276).

Pensando neste radicalismo detectado por Candido nos escritos de Bomfim, é interessante ressaltarmos que Sartre, em sua segunda conferência *Em defesa dos intelectuais*, diz que o verdadeiro lugar do intelectual é no pensamento radical e simples:

(...) o radicalismo e o empreendimento intelectual são a mesma coisa, e são os argumentos “moderados” dos reformistas que levam necessariamente o intelectual a esse caminho, mostrando-lhe que é preciso contestar os próprios princípios da classe dominante; caso contrário, vai servir-lhe parecendo contestá-la. (SARTRE, 1994, p.38)

Aos poucos se manifesta em Bomfim, como traço inevitável de seus sucessivos ataques empreendidos ao poder estabelecido, a *monstruosidade* que é uma das marcas

características do “agente intelectual” sartriano, em sua luta travada constantemente contra tudo o que é imposto por um grupo de seletos à grande maioria resignada. Segundo Antonio Candido, o radicalismo leva a atitudes que fazem contrapeso ao movimento conservador predominante, por essa razão o radical é, sobretudo, um revoltado. “Em países como o Brasil o radical pode ter papel transformador de relevo (...) pode atenuar o imenso arbítrio das classes dominantes (...)”.(CANDIDO, 1995, p.267) Pode, assim, tornar-se um agente do horizonte possível, abrindo caminhos por meio de discussões, indagações e denúncias.

O pensamento científico em vigor durante o período histórico em que Bomfim se situa (do final do oitocentos ao início da terceira década do século XX) costumava encontrar nas “raças inferiores”, nas populações mestiças e no clima tropical, alguns dos motivos para o atraso dos países latino-americanos. Bomfim, ao contrário, propõe discutir a exploração das colônias pelas metrópoles e dos escravos e trabalhadores pelos senhores e proprietários. Para se ter uma idéia de seu posicionamento crítico ante a então *célebre* teoria das raças inferiores, escreve: “(...) tal teoria não passa de um sofisma abjeto do egoísmo humano, hipocritamente mascarado de ciência barata, e covardemente aplicado à exploração dos fracos pelos fortes” (BOMFIM, 2005, p.268). E mais adiante sintetiza a “lógica” da referida teoria das raças inferiores da seguinte forma:

(...) vão os ‘superiores’ aos países onde existem esses ‘povos inferiores’, organizam-lhes a vida conforme as suas tradições – deles superiores; instituem-se em classes dirigentes e obrigam os inferiores a trabalhar para sustentá-las; e se estes o não quiserem, então que os matem e eliminem de qualquer forma, a fim de ficar a terra para os superiores: os ingleses *governem* o Cabo, e os cafres cavem as minas; sejam os anglo-saxões senhores e gozadores exclusivos da Austrália, e destruam-se os australianos como fossem uma espécie daninha... Tal é, em síntese, a teoria das *raças inferiores*. (BOMFIM, 2005, p.270)

Por manter um posicionamento firme como o observado acima, alguns analistas de suas obras, como Dante Moreira Leite, por exemplo, creditaram ao distanciamento em relação às teorias vigentes em solo brasileiro na virada do século XIX para o século XX a razão fundamental para o esquecimento de sua obra ao longo de quase oito décadas. Surgem-nos então algumas indagações especulativas: pode um intelectual ficar algum tempo sem exercer papel relevante em uma sociedade, mas, vividas algumas

transformações no cenário político-social, voltar a ter um lugar representativo ante o povo? É possível que em alguns momentos da história, a principal função de um intelectual seja o seu silêncio?

Reflexões como estas nos levam à percepção de dinamismos nos acontecimentos históricos e, de certo modo, remetem ao freqüente movimento de retorno a certos dramas e conflitos que afligem uma determinada sociedade. É claro que pensamos este retorno em termos de um deslocamento em espiral (chega-se a algo parecido, mas em posição diferente). Sendo assim, é possível compreendermos por que permanecem vivos em importância os pensamentos de Bomfim que, mesmo engendrados sob um contexto histórico, não apenas latino-americano, mas também global, completamente distinto do que vivemos agora, abrem novas perspectivas para inúmeras considerações.

Cumpramos lembrar ainda que os assuntos problematizados pelo autor, por representarem de forma efetiva sentimentos de populações humanas inteiras, conservaram muito mais sua atualidade. Segundo Said, a função do intelectual ultrapassa barreiras precisas de tempo e espaço, pois está preocupado em representar o sofrimento coletivo de um povo, testemunhar seu trabalho árduo, reafirmar sua perseverança, reforçar sua memória: “A tarefa do intelectual é, creio eu, universalizar, clara e inequivocamente, a crise, dar uma maior abrangência humana ao que uma dada raça ou nação sofreu, associar essa experiência aos sofrimentos dos outros.”(SAID, 2000, p.49)

Diante disso, pode-se afirmar que, quando Manoel Bomfim assume seu papel de “agente do saber” e coloca na mesa discussões sobre o passado de povos indígenas, africanos e europeus, está universalizando “clara e inequivocamente a crise”, pois ao publicar (colocar em público) suas idéias, deseja veicular fatos singulares vividos por milhares de pessoas, e que de alguma forma podem servir de aplicação para outros povos ou mesmo outras gerações como exemplo de êxito ou fracasso.

Um intelectual que se propõe a escrever sobre determinada crise humana nada mais quer do que ter seus pensamentos servindo como experiência e assim evitando sofrimentos futuros por parte de outros povos. Esta atitude, um intelectual como Edward Said, mais do que ninguém, demonstrou claramente possuir trabalhando idéias no Ocidente sobre a causa palestina e demais questões referentes aos povos orientais. Atitude parecida teve Manoel Bomfim ao falar em território francês a respeito de fatos ocorridos no “Extremo *Ocidente*”, representado pelos países latino-americanos. Ambos

articularam suas idéias em defesa de uma grande maioria desassistida e, assim, levantaram questões embaraçosas em público. Representando os esquecidos, abordaram muitos assuntos que são sistematicamente apagados ou “varridos para debaixo do tapete”.

Análise de alguns elementos presentes em *A América Latina*, com destaque para o conceito de conservadorismo

Antonio Candido, ao analisar a primeira edição da obra *A América Latina: males de origem* (1905), faz algumas considerações reveladoras da importância do título e subtítulo da obra. Entre outras coisas destaca que, na referida edição, postado no alto da página de rosto havia uma espécie de pré-título: *O parasitismo social e a evolução*. Com isso o autor oferecia seus pressupostos teóricos que, grosso modo, consistiam na investigação da exploração econômica sufocante das metrópoles sobre as colônias, processo social que Manoel Bomfim associativamente denominava “parasitismo”, por concebê-lo como algo análogo ao que ocorre no mundo animal e vegetal. No meio da página, o título propriamente dito, *A América Latina*, definindo o âmbito em que estava localizado o fenômeno analisado, isto é, o subcontinente latino-americano. E, por fim, o subtítulo *Males de origem*, sugerindo a avaliação e o método que o autor adotou em sua análise, pois deixava revelar que havia em nossa formação histórica defeitos essenciais, responsáveis por graves problemas, que seriam analisados sob um ponto de vista genético, ou seja, a explicação do presente se daria à luz do passado, e por essa razão a freqüente ênfase nos efeitos gerados por causas hereditárias. A título de exemplo deste método genético, temos o fragmento a seguir:

Portugal explorava o Brasil, e, para garantir uma exploração fácil e completa, determinou que a colônia fosse exclusivamente agrícola; assim foi, e a tradição ficou. Um dia, um estadista retórico, cujas idéias políticas eram essas mesmas – do Estado colonial – formulou: *O Brasil é uma nação essencialmente agrícola*. Foi o bastante, e ficou assim consagrada a rotina econômica; ninguém teve coragem de tomar essa inépcia, e mostrar quanto é idiota e irracional o conservar-se um país, qualquer que ele seja, como puramente agrícola. (BOMFIM, 2005, p.193-194)

É possível observar que o autor primeiramente retorna ao período colonial (“Portugal explorava o Brasil...”) e, logo em seguida, contrapõe àquela imagem um novo momento, pós-independência, onde um “estadista retórico” cujas idéias políticas

eram as mesmas que vigoravam no período colonial, por “tradição” insiste em pensar a economia brasileira unicamente agrícola. Com isso o autor deseja mostrar o quão pouca alteração sofreu a lógica de raciocínio dos homens que dirigiram o Brasil pós-colonizado. Se o Brasil era agrário, assim continuou após sua emancipação, não por uma decisão tomada de forma crítica, mas porque repetia com automatismos tudo o que há séculos lhe impuseram como sendo o seu papel na relação internacional.

Com base neste exemplo, torna-se perceptível que essa *herança*, a qual Manoel Bomfim acusa estar determinando atitudes no proceder dos povos latino-americanos, e que seu método genético, ao longo de toda sua obra procura comprovar, é uma herança muito mais cultural, do que racial ou mesológica. Para Bomfim, os maiores problemas que os países latino-americanos enfrentavam não eram de ordem estética, como a questão da miscigenação das raças, por exemplo, mas sim de ordem estrutural, levando-o a propor alternativas que visavam instrução básica e popular para todos.

As tradições adquiridas por “contágio” ao longo de um extenso período de parasitismos levavam todos a uma imitação servil e inseqüente que resultava no conservadorismo essencial das elites. A respeito disso, Bomfim dirá: “Das qualidades a nós transmitidas, a mais sensível e mais interessante – por ser mais funesta – é um *conservantismo*, não se pode dizer obstinado, por ser, em grande parte, inconsciente, mas que se pode chamar propriamente – um *conservantismo essencial*, mais afetivo que intelectual.” (BOMFIM, 2005, p.177)

Para Antonio Candido o fragmento supracitado traz uma das idéias fundamentais de Manoel Bomfim por ser, talvez, sua observação politicamente mais importante no livro e, sem dúvida, uma das mais fecundas e esclarecedoras para uma análise da sociedade brasileira tradicional.

Por séculos, a força de trabalho empregada no Brasil foi a escrava, o que justificava certos cuidados de manutenção de privilégios. Estes cuidados resultavam em um absoluto desejo de conservação daquele sistema de produção colonial, o que levou os primeiros administradores pós-1822 a desenvolverem idéias e comportamentos de verdadeiro culto à estratificação social. Conservar se constituiu uma função especial, a fim de se ver no amanhã o que estava posto no presente desde o passado, ou seja, uma estagnação universal. Antonio Candido sintetiza da seguinte maneira este impulso dominante:

O brasileiro seria um homem tornado conservador pela herança social e cultural derivada da mentalidade espoliadora da Colônia, baseada no trabalho escravo, pois esta mentalidade pressupunha a continuação indefinida de um *status quo* favorável à oligarquia, já que qualquer alteração poderia comprometer a sua capacidade espoliadora. (CANDIDO, 1995, p.283)

Sendo assim, Bomfim concentra-se em elaborar argumentações indigestas para muitos de seus críticos dizendo que, na América do Sul, a política conservadora se agrava ainda mais porque é generalizada, não sendo fruto apenas de interesses específicos, mas herança fortemente amarrada a uma tradição transmitida via educação. Para o autor, mesmo os mais ousados entre os homens públicos – os mais revolucionários – são conservadores de ofício. E as razões para este sentimento viciado são inúmeras, desde uma forte ambição pelo poder, até um real desejo de concorrer para o bem do país.

Os mais ousados muitas vezes propõem revoluções, subscrevem reformas, proclamam novos direitos, mas são tão impróprios para cumpri-los, como os mais convictos dos conservadores. Segundo Bomfim, “são revolucionários até a hora exata de fazer a revolução, enquanto a reforma se limita às palavras; no momento de execução, o sentimento conservador os domina e o proceder de amanhã é a contradição formal das idéias.” (BOMFIM, 2005, p.182)

Esta análise deixa nítida a proposta de denúncia do autor, criticando a disseminação incontrolável de um pensamento conservador que, originário ao longo de todo um processo histórico, mantém-se vivo por sucessivas gerações. Sendo assim, os membros das classes dominantes, formados no regime da escravidão, transmitem aos seus sucessores a atitude de domínio a qualquer custo, não cultivando outra forma de relacionamento. O desejo de petrificação permanece, inclusive, entre aqueles mais adiantados que, ao assumirem papéis de liderança, demonstram possuir um *conservantismo inconsciente*, fazendo com que o que era um processo revolucionário se transforme em um estágio mais avançado de exploração.

Ainda em sua análise a respeito da herança conservadora, o autor afirma que essa forma de política, mesmo em nações que possuem um passado capaz de despertar entusiasmos, cujos povos trazem de outras eras “instituições benfeitas e obras grandiosas”, mesmo entre estas sociedades, o conservadorismo se coloca como algo antiquado por não haver necessidade de se estimular a função de conservação, pois

segundo Bomfim, essa função se dá sem o menor esforço. Como forma de ilustração, utiliza um indivíduo comum que não precisa de esforços para buscar a conservação de seu hábito de andar, e sua faculdade de falar. “Não, os seus esforços se fazem no sentido de alterar esta forma, melhorando-a, corrigindo-lhe os defeitos – aperfeiçoando o andar, apurando a linguagem.” (BOMFIM, 2005, p.180).

O autor indaga, ainda, por que em sociedades violentamente assaltadas por ataques sucessivos de pilhagem ao longo de séculos, como foi o caso das antigas colônias ibéricas, seus líderes insistem em cultivar um desejo de conservação: “São nações, estas, em que tudo está por fazer, a começar pela educação política e social das populações. Que pretendem então defender, deste passado?... Ele é uma série de crimes, iniquidades, violações de direitos, resistências sistemáticas ao progresso. Que é que pretendem conservar?” (BOMFIM, 2005, p.178)

Devido a questionamentos como este sobre as sociedades latino-americanas, Antonio Candido não teve dúvidas em afirmar que Manoel Bomfim desenvolveu um pensamento plenamente radical, pois encontrou, via linguagem, meios de reagir a crises resultantes de problemas sociais graves, assumindo sempre uma postura de oposição ao modo conservador dominante.

É interessante observarmos que a definição de Candido para o que vem a ser um pensador radical, aproxima-se muito daquela que Sartre elaborou em seu texto *Em defesa dos intelectuais*, buscando precisar de onde eram *recrutados* os agentes do saber prático. Confrontemos:

Gerado na classe média e em setores esclarecidos das classes dominantes, ele não é um pensamento revolucionário, e, embora seja fermento transformador, não se identifica senão em parte com os interesses específicos das classes trabalhadoras, que são o segmento potencialmente revolucionário da sociedade. (p.266)

(...) em relação à classe média o radicalismo é normal, talvez a única atitude transformadora possível dentro do seu destino, da sua posição na estrutura da sociedade e da função histórica dos seus setores esclarecidos. (CANDIDO, 1995, p.270)

Sartre, por sua vez, classificará o intelectual da seguinte maneira:

(...) o intelectual, todo o tempo, por seus trabalhos de técnico do saber, por seu salário e por seu nível de vida, ao se designar como pequeno-burguês selecionado, deve combater sua classe, que, sob a influência

da classe dominante, reproduz nele necessariamente uma ideologia burguesa, pensamentos e sentimentos pequeno-burgueses. O intelectual é, portanto, um técnico do universal que se apercebe de que, em seu próprio domínio, a universalidade ainda não está pronta, está perpetuamente *a fazer*. (SARTRE, 1994, p.35)

Podemos perceber certa sintonia entre as idéias do que vem a ser um pensador radical para Antonio Candido e o “agente” recrutado para ser um intelectual *sartriano*. Principalmente porque tanto o radical quanto o intelectual possuem um mesmo posicionamento em meio à estratificação habitual do sistema, ou seja, suas raízes estão presas às camadas médias da classe média. Assim, como salienta Sartre, podem não ter contato direto com os trabalhadores operários, no entanto, são cúmplices de sua exploração pelo patronato, pois, de qualquer maneira, vivem da mais-valia.

Candido, por seu turno, observa que, embora o pensamento de um radical possa avançar até posições realmente transformadoras, também pode recuar para posições conservadoras, recuo que Sartre dirá, em outras palavras, ser influência de certos resquícios de ideologia burguesa incutidos no técnico do saber através de seu constante contato com a classe dominante, resquícios que mesmo sendo poucos, muitas vezes, o paralisam em sua ação, por isso a necessidade de um combate permanente entre sua técnica universalista e a ideologia dominante.

O verdadeiro intelectual trava constantemente uma luta contra si, com o objetivo de ajustar seu foco e assim conseguir obter maior nitidez em suas investigações sobre o universal humano que está sempre por se fazer. Sartre diria que seu status é de suspeito das classes trabalhadoras, traidor das classes dominantes, recusado por sua classe e sem jamais poder se livrar totalmente dela. Isso se, por um lado, pode parecer uma posição ingrata, típica de alguém que é desprezado, por outro, é a única forma possível de conquista da liberdade.

Supõe-se a existência deste espírito de liberdade no pensamento do sergipano Manoel Bomfim, na medida em que este se faz aparente nas malhas de seus textos, nos ecos das questões fundamentais para a história político-social dos povos latino-americanos, na consciência crítica do conservadorismo essencial e de suas relações com a estagnação cultural e social. Bomfim mostra-se livre ao manter como desafio intelectual e fonte de interesse constante encontrar as causas efetivas dos males subcontinentais, como adiantou na advertência que fez à *América Latina*:

Este livro deriva diretamente do amor de um brasileiro pelo Brasil, da solicitude de um americano pela América. Começou no momento indeterminado em que nasceram esses sentimentos; exprime um pouco o desejo de ver esta pátria feliz, próspera, adiantada e livre. Foram esses sentimentos que me arrastaram o espírito para refletir sobre essas coisas, e o fizeram trabalhar essas idéias – o desejo vivo de conhecer os motivos dos males de que nos queixamos todos. Desse modo, as anotações, as analogias, as observações, as reflexões se acumulam. (BOMFIM, 2005, p.36)

Com base neste texto introdutório à primeira obra de Bomfim, chegamos, de forma paradoxal, a uma possível conclusão de nosso estudo a respeito do papel radical assumido por Manoel Bomfim. Acreditamos que o emprego de palavras tão carregadas de sentimentos, como as lidas acima, revela um pouco a predisposição do autor em se engajar na defesa de sociedades dilaceradas. Revela também sua sensibilidade de “agente do saber prático” que, na busca por soluções de alguns problemas sócio-culturais latino-americanos, lança-se a uma revisão do passado destas sociedades descartando alternativas de primeira mão, muitas delas ratificadas por argumentos científicos da época, como insalubridade do clima tropical, inferioridade racial, entre outras, que tinham a pretensão de serem absolutas na explicação das causas do atraso subcontinental na América, mas na verdade apenas condenavam ainda mais essas sociedades a uma posição marginal de inferioridade. Bomfim, ao contrário, desejou libertar a América Latina do jugo de heranças do passado e abri-la ao novo, acessado pelo incentivo ao ensino e à cultura a todos, irrestritamente.

Referências

- BOMFIM, Manoel. *A América Latina: males de origem*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005.
- CANDIDO, Antonio. Os brasileiros e nossa América. In: *Recortes*. São Paulo: Companhia das letras, 1993, p.130-139.
- _____. Radicalismos. In: *Vários Escritos*. São Paulo: Duas cidades, 1995. 3 ed. rev. e ampl. p.265-291.
- LEITE, Dante Moreira. Prenúncios de libertação. In: *O caráter nacional brasileiro: história de uma ideologia*. São Paulo: Pioneira, 1976, p.250-255.
- NOVAES, Aduino (org.). *O silêncio dos intelectuais*. São Paulo: Companhia das letras, 2006.

ORTIZ, Renato. Memória coletiva e sincretismo científico: as teorias raciais do século XIX. In: *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 2005. 5 ed. p.13-35.

REIS, José Carlos. Manoel Bomfim e a identidade nacional brasileira. In: LOPES, Marco Antônio (org.). *Grandes Nomes da História Intelectual*. São Paulo: Contexto, 2003, p.493-505.

_____. Civilização brasileira e otimismo revolucionário (ingênuo): Manoel Bomfim e o sonho da República soberana e democrática. In: REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil 2: de Calmon a Bomfim: a favor do Brasil: direita ou esquerda?* Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p.183-231.

SAID, Edward. *Representações do intelectual: as palestras de Reith de 1993*. Lisboa: Edições Colibri, 2000.

SARTRE, Jean-Paul. *Em defesa dos intelectuais*. São Paulo: Ática, 1994.

SUSSEKIND, Flora. A América Latina: texto introdutório. IN: *Intérpretes do Brasil*, vol.1. Rio de Janeiro: Nova Aguiar, 2002. 2 ed. p.607-625.

_____ & VENTURA, Roberto. *História e dependência*. São Paulo. Ed.Moderna, 1984.

VENTURA, Roberto. Manuel Bomfim: A América Latina males de origem. IN: MOTA, Lourenço Dantas (org.) *Introdução ao Brasil: um banquete no trópico*, 2. São Paulo: SENAC, 2001, p.237-258.